

## O cinema e o romance na busca da espiritualidade

O interesse romântico pelo Povo e a leitura declaradamente cristológica da Igreja feita por Johann Adam Möhler (1796-1838) andaram a par a partir do início do séc. XIX.

O primeiro - o romantismo - interessou-se pelo Povo e por tudo o que lhe pertencia: a sua entidade e dignidade, as suas criações e artes, os seus costumes, e logo também a sua miséria e a sua falta de liberdade. Depois viria a questão do poder que o Povo não tinha; mas só mais tarde se começaria a perceber que é ele quem mais ordena (a Democracia).

A par, lendo a Igreja à luz do mistério da Encarnação ("A Igreja, um Natal continuado"), Möhler abria um caminho pelo qual ela, seguindo o exemplo de Cristo, começaria a descer à humanidade do Povo real - os mais pobres eram então os proletários da Revolução Industrial - a quem era necessário fazer chegar uma Boa Nova de Salvação. Esta pista eclesiológica juntar-se-ia a uma outra que, no Vaticano II, haveria de formular que a Igreja é "Povo de Deus".

Voltando ao romantismo, o influxo da nova sensibilidade, também estética, far-se-ia sentir particularmente nas artes. Abandonavam-se a composição e o estilo clássicos, as regras clássicas, os temas clássicos, os personagens clássicos; os artistas voltar-se-iam para o lirismo, optando pela sensibilidade e pela imaginação e subvalorizando a Razão, e centrando-se em indivíduos concretos; numa palavra, todos se interessariam pelo Povo e pelo que era dele.

Desde logo nas temáticas e até na criação de novas formas narrativas. O romance moderno é uma delas, e de início a mais importante: "um novo tipo de narrativa mais apto a exprimir o mundo novo que emergia com as modificações operadas na cultura e no tecido social"<sup>1</sup>. Claro que o romance já existia desde a Idade Clássica e fora cultivado na Idade Média - romances de cavalaria, etc - mas o romance moderno começou efectivamente com o séc. XIX, ele e a verdade das suas personagens populares, isto é, do Povo real, de Mr. Scrooge aos retratos da Inglaterra miserável da Revolução Industrial do séc. XIX tirados pelo romance social inglês.

Logo depois - isto é, quase 100 anos mais tarde - viria o Cinema. O Romantismo ainda não tinha sido suplantado e, naturalmente, a nova arte acabada de nascer interessou-se também pelo Povo: em 1895, os irmãos Lumière filmaram em França o seu primeiro filme, *A saída das fábricas Lumière*, e pouco depois, no Porto, fez

---

<sup>1</sup>. MOISÉS, Massaud - "Romance", in *Enciclopédia Verbo Século XXI*, XXV, col. 827.

o mesmo Aurélio da Paz dos Reis com a *Saída do Pessoal Operário da Fábrica Confiança*. Isto é, aqui e lá, o Povo.

Foi, de facto, pela Humanidade do Povo que, tal como o Cristo nascido, o Cinema primeiro se interessou: exactamente "[pel]o Homem vivo [que] é a maior glória de Deus", como explicara Santo Ireneu. Pelo seu corpo, espelho da sua alma, pelo seu tempo - espaço de viver que se transforma em história -, e por tudo o que nele é permanência do sagrado (a Vida e a Morte, o Bem e o Mal, o Amor e o Ódio, o Sentimento e a Paixão, as Pessoas e as Coisas, o Indivíduo e a Sociedade, a Estética e a Política, o Sagrado e o Profano, o Tempo e a Eternidade); pelo Homem vivo - dizia Santo Ireneu - e suas "alegrias e esperanças, tristezas e angústias", ou, como formulou Pio XII<sup>2</sup>, "[pel]o curso da vida humana nos seus múltiplos dramas, analisando os [seus] ideais, as [suas] culpas, esperanças, mediocridades e grandezas".

É aqui que entra a Arte, obra do Homem a pensar-se a si mesmo, com a sua beleza, isto é, com o seu imenso poder simbólico, que conduz o mesmo Homem sempre para o mais além, mas deixando, a partir do que se vê, perceber o oculto - como explicava já S. Gregório de Niza. Por isso é que, diante da obra de arte, o Homem, apesar de ver apenas o visível, tem já uma imagem do que deseja que é ver a beleza, não apenas através de espelhos mas cara a cara<sup>3</sup>, "conciliando a relatividade do ideal com o seu conceito absoluto", dizia o mesmo Pio XII a respeito do cinema<sup>4</sup>. Estou a falar, tanto no caso do cinema como do romance, das "maravilhas saídas das mãos dos homens feitos à imagem de Deus, para uma contemplação que leva até ele"<sup>5</sup>.

Tal como o romance, também o cinema tardou algum tanto a chegar a estas alturas. Porque, tal como o Cristo nascido, também o cinema começou por baixo. Pelo homem, claro, e como divertimento de feira. Mas rapidamente se tornou uma autêntica câmara de eco do Homem, aberta a todas as suas questões: a vida, toda a sua vida, a liberdade, o pecado e a graça, a guerra e a construção da paz, o

---

2. "A arte cinematográfica e o filme ideal", discurso aos membros do Congresso da União Internacional dos Centros Cinematográficos e aos da Assembleia Internacional dos Distribuidores de Filmes, em 1965.10.28, in *Cinema e Televisão no Pensamento da Igreja*, Porto: Apostolado da Imprensa, 1958, p 34.

3. A citação é de S. Gregório de Niza, de *A Vida de Moisés*, in HARRIS, Richard - *El arte y la belleza de Dios*, Madrid: PPC, 1995, p. 105.

4. "A arte cinematográfica e o filme ideal", discurso aos representantes da Indústria Cinematográfica Italiana, em 1965.06.21, in *Cinema e Televisão no Pensamento da Igreja*, Porto: Apostolado da Imprensa, 1958, p 22.

5. Conferência Episcopal Portuguesa - *Instrução Pastoral sobre o Domingo e sua Celebração*, 1978, 9.e.

trabalho, a utopia e a realidade, a angústia, a dor e a alegria, o homem e a mulher, e a sua dimensão transcendente. O Pe Amédée Ayffre falaria do "rosto indizível de Jesus que é a Imagem por excelência de Deus e do Homem, ele que é Filho de Deus e Filho do Homem", afirmando que "é à sua luz que [no cinema] podemos procurar, em tantos rostos e em tantas imagens, uma aproximação ao mistério do Homem e um reflexo da Face de Deus"<sup>6</sup>.

Por isso mesmo, no cinema como no romance ou ainda noutras artes, os autores que melhor reflectem o Homem são quase sempre os que mais depressa chegam à questão de Deus, pois que são eles que, de mil maneiras, mais esforços fazem para reunir a ordem da graça com a da natureza. Espero que Almodôvar dedique à pergunta por Deus um dos seus próximos filmes.

Todos conheceremos nomes como os de Dreyer, Bresson, Bergman, Scorsese, Tarkovsky ou Pasolini. E mais não recorde. Teremos ouvido falar do neo-realismo italiano, do cinema social americano, da nova vaga ou do realismo britânico mais recente. Mas o Cinema é uma Arte que não se fica pela simples formalidade estética. O seu assunto é o Homem e o seu Mundo. Por isso disse dele o Vaticano II que, entre as maravilhas mais espantosas que o espírito humano sacou do mundo criado, está o Cinema que abriu novos caminhos ao espírito do Homem (*Inter Mirifica* 19).

Também assim o romance. Muito antes do cinema, de resto. Há mesmo uma fase na história do Cinema em que, esgotadas as primeiras imagens da "natureza ao vivo", como diziam os Irmãos Lumière, ele pediu enredos à Literatura. Também dessa maneira prestava homenagem ao romance, forma de arte mais antiga e madura que ele.

Nesta mesma linha, depois de afirmar que "os grandes escritores e os grandes artistas estiveram sempre mais ou menos conscientes do facto de Literatura e Arte serem encarnação", Charles du Bos explicava: "A arte soberana é [de facto] uma Encarnação: é o mistério profano correspondente ao mistério sagrado. Tal como não podemos conceber que Deus se revele de uma maneira mais bela do que na Encarnação, não podemos encontrar, para o artista, uma mais alta e completa manifestação da sua pessoa do que esta encarnação da sua emoção numa forma". E dizia depois da relação que pode existir entre a literatura e o mistério da encarnação e entre a literatura e o próprio Verbo de Deus<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup>. BANDELIER, Alain - "*Cinéma et Mystère*", comentando AYFFRE, A. - "*Jalons pour une théologie de l'image*"; ambos os artigos em *Cinéma et Mystère*, Paris: Cerf, 1969, a primeira citação da p. 119 e a segunda da p. 77.

<sup>7</sup>. DU BOS, Charles -- *O que é a Literatura?*, Lisboa: Morais Editora, 1961, p. 124.

Tal como no Cinema, também no romance - e as duas são as maiores "artes narrativas" do nosso tempo (poderia alargar ao teatro, ao conto, à pintura, à música, e mais ainda, mas fico-me pelo romance e pelo cinema) - a questão de Deus e a questão do Homem estão presentes por todos os lados: "Os livros, o cinema, a rádio e o teatro, cada vez mais se vão interessando pelos problemas do espírito" - constatava Charles Mœller (1912-1986) já em 1952<sup>8</sup>.

De facto é assim. E não vou agora debitar pràqui uma lista completa de nomes, que de cinema e romance nunca vi nem li quanto gostaria. Referindo-me ao romance, há nomes do nosso tempo ou mesmo da geração que me antecedeu que são incontornáveis, de Romain Rolland, Martin du Gard, Thomas Mann or Graham Green, a Shusaku Endo, ao contemporâneo David Lodge, ou aos nossos Aquilino, Torga, Vergílio Ferreira, Agustina, Saramago (inevitável apesar do seu ateísmo à outrance) ou Mário de Carvalho. Por mim, encantar-me-ei sempre sobretudo com os autores, cineastas ou escritores, mais ou menos desconhecidos, que encontro muitas vezes por acaso, assim ao jeito do "Tudo é graça" de Bernanos, por força do Espírito de Deus que "sopra onde quer... e tu não sabes donde vem nem para onde vai" (Jo 3,8).

Como o escritor romeno que nem sei sequer se ainda é vivo, mal acabado de publicar entre nós, e em quem é possível que Simon and Gurfunkel se tenham inspirado para o seu *Sounds of silence*. Escreveu assim:

"Deus fala aos profetas, mas os poetas também são profetas, são o traço de união entre a beleza e os homens; e se a beleza é Deus, os poetas deviam ser os arautos da existência de um Deus verdadeiro"<sup>9</sup>.

O cinema e o romance utilizam linguagens altamente simbólicas. E sempre que assim acontece, não há dúvida, no mínimo rondamos o mistério. Falam de Deus, os artistas: da sua aparente ausência no mundo, do seu silêncio e da sua palavra; mas falam também da sua maior glória, imagem ou semelhança que é o Homem e as suas interrogações.

Como Elie Wiesel, um judeu (Nobel da Paz 1968), quando põe um outro judeu escapado a um campo de concentração a apostrofar Deus pelo seu silêncio cínico, diante da exterminação do seu povo:

«- Quando eu era criança, acreditava porque me tinham afirmado que era impossível chamar-Te, impossível dizer por palavras quem Tu és; agora sei-o.

---

<sup>8</sup>. MCELLER, Charles - *Literatura do século XX e cristianismo*, I - *O Silêncio de Deus*, São Paulo: Flamboyant, 1958, pp. 7-8.

<sup>9</sup>. HORIA, Vintila - *Deus nasceu no exílio*, Porto: Âmbar, 2002, p. 247.

És coveiro, Deus dos meus antepassados: levas o teu povo para a tumba como eu fazia aos soldados que caíam no campo de batalha. O teu povo já não existe, enterraste-o. Outros o mataram, mas foste Tu quem o pôs no seu túmulo invisível e impossível de encontrar. ... Choraste esta morte?, diz lá.

As minhas palavras esbarraram num silêncio denso e duro, quase opaco. Deus preferia não responder. Mas a voz rouca de um companheiro de outrora fez-se ouvir em mim:

- Exageras, amigo. Estás a ir longe demais. Deus é ressurreição, não é coveiro. Deus mantém vivo o lado que O prende e te prende a ti e ao teu povo. Isso não te basta? Eu estou vivo, tu estás vivo, isso não te basta?.

- Não, não me basta!

- O que é que queres? Diz-me o que queres.

- A redenção - disse eu.

Eu apressei-me a acrescentar:

- A redenção e nada mais, nada em vez dela, nenhuma consolação falsa, ouves? Neste local tenho o direito de reclamar tudo e de tudo obter; e é a redenção que eu reclamo.

- Eu também- disse o meu companheiro, tristemente. Eu também. E... Ele também. <sup>(10)</sup>»

Ou como Nedim Gursel, um autor muçulmano, pondo na boca de um veneziano, testemunha presencial do assalto turco a Constantinopla (1453), isto:

"Como a guerra é atroz! (...) Sei que aqueles homens (*otomanos e cristãos*) não acreditam no mesmo Deus. Mas devo dizer que tenho dificuldade em compreender a razão de tanta repulsa, daquilo que pode ter causado uma carnificina tão impiedosa. Quanto a mim, Nicolo, compreendo os insultos nas duas línguas! Acredito num Deus dos dois lados. Mas porque é que Deus me submete a semelhante horror, o Deus da Bíblia e do Alcorão? Porque não é ele misericordioso e protector como nas orações? Porque permite ele o sofrimento dos seus súbditos? Para que eles alcancem o paraíso prometido ou para que paguem o preço dos seus pecados, no posto de combate, nesse inferno na terra? Como eu gostaria que a cidade caísse depressa para escapar a este pesadelo! Quanto tempo durará ainda este massacre, Senhor? Até quando choverão o sangue e o fogo sobre os dois campos? (...) Que absurdo, meu Deus!, o mundo

---

<sup>10</sup>. WIESEL, Elie - *Testamento de um poeta judeu assassinado*, Lisboa: Dom Quixote, 1986, p. 229.

transformou-se em máquina de morte. A guerra pôs-se a triturar a humanidade como a mó do moinho de trigo!" (11).

“Antigamente, Deus estava menos vivo do que se pensava; e hoje menos morto do que se diz” - escreveu Delumeau. Acredito absolutamente: basta ir ao cinema ou ler um romance.

**Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha**

Universidade Católica 2004.03.01

---

<sup>11</sup>. GURSEL, Nedim - *O Romance do Conquistador*, Lisboa: Difel, 1997, p. 208 e 253.